

Dependência, superexploração e subimperialismo: um resgate das categorias de Ruy Mauro Marini.

Laura Beraldo*

Área: 2. História Econômica e Economia Brasileira

Sub-área: 2.3. Economia Brasileira Contemporânea

Artigo submetido às Sessões de Comunicações

Resumo: A proposta deste trabalho é recuperar a obra de Ruy Mauro Marini que ao longo das últimas décadas foi marginalizada no pensamento social brasileiro. Buscamos explicitar as principais as categorias utilizadas pelo autor, tais como superexploração do trabalho, dependência e subimperialismo, usadas na compreensão do desenvolvimento do capitalismo latino-americano. Esse resgate de Marini, em especial do subimperialismo, torna-se fundamental diante do movimento de expansão da economia brasileira para além de suas fronteiras, na primeira década do século XXI.

Palavras-chave: Subimperialismo, Superexploração, Dependência e Ruy Mauro Marini.

Abstract: The purpose of this article is to retrieve the work of Ruy Mauro Marini, that has been marginalized in Brazilian social thought over the last decades. We want to clarify the major debates around the categories fabricated by the author such as an overexploitation of labor, dependency and unequal exchange, to understand the way of capitalist development in Latin America. This rescue of Marini in the spatial sub imperialism, becomes a fundamental movement on the expansion of the Brazilian economy, beyond their borders in the first decade of this century.

KEY-WORDS: Subimperialism, Superexploration, Dependency and Ruy Mauro Marini.

Dependência, superexploração e subimperialismo: um resgate das categorias de Ruy Mauro Marini.

A Teoria da Dependência nasce da necessidade de “compreender as limitações de um desenvolvimento iniciado em um período em que a economia mundial já estava constituída sob a hegemonia de enormes grupos econômicos e poderosas forças imperialistas” (Santos, 2000, p.26). Trata-se do esforço de uma reflexão acerca das mudanças na estrutura sócio-econômica da América Latina que tem início a partir dos anos 30 e que se intensificam após a Segunda Guerra Mundial.

Diferentemente das proposições da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) no período, a Teoria da Dependência não analisa o “subdesenvolvimento” e o “desenvolvimento” como etapas consecutivas de um processo evolutivo, sendo o primeiro um momento do caminho ao desenvolvimento, mas sim como dois aspectos diferentes, porém complementares, do modo de produção capitalista. A teoria da dependência busca entender a reprodução do capitalismo, enquanto um sistema que cria e amplia desigualdades econômicas, políticas e sociais entre países e regiões, de modo que a economia de alguns países era condicionada pelo desenvolvimento e expansão de outras (Dos Santos, 1978). No entanto, a dependência não consiste em um fenômeno apenas de âmbito externo, mas se manifesta de diferentes formas na estrutura interna, tendo dimensão social, ideológica e política. A sociedade periférica passava, assim, a ser compreendida como um resultado do desenvolvimento capitalista mundial, sendo uma forma histórica específica e não uma etapa do movimento que levaria ao

* Mestre em Ciência Econômica pela Universidade Federal Fluminense (laura_b_amaral@hotmail.com)

modelo dos países centrais.

Tendo isso em vista, é importante ressaltar que nos debates em torno da questão da dependência surgiram interpretações, nem sempre, convergentes. Destacam-se duas vertentes: a weberiana e a marxista. A versão weberiana da dependência, conhecida como versão da interdependência, ou ainda como versão do capitalismo dependente-associado, tem como autores de referência Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto. De forma geral, seu principal argumento consiste em afirmar que o desenvolvimento dos países periféricos precisaria de uma estratégia de associação entre capital nacional privado, capital internacional e Estado para colocá-lo no rumo certo, visto que o problema do desenvolvimento dessas nações residia na forma com que o Estado capitalista estimulou um desenvolvimento concentrador e periférico, sendo incapaz de implementar um projeto de desenvolvimento autônomo¹.

Vale destacar aqui que a versão weberiana difere da marxista no que tange aos possíveis desdobramentos que pode ter a dependência. Enquanto a vertente weberiana afirma como saída o desenvolvimento associado, teorizando a dependência para aceitá-la, a vertente marxista argumenta que, nos marcos do capitalismo, o resultado da industrialização dependente só poderia ser mais dependência, ainda que se complexifique, colocando a ruptura socialista como meio necessário.

O debate sobre a dependência foi intenso e consolidou um arcabouço teórico e histórico que deu base para uma interpretação crítica acerca da inserção da América Latina no sistema mundial capitalista. Esse debate ocorreu em grande parte da América Latina e em outras regiões do mundo, no entanto, no Brasil, o que houve foi o que Fernando Prado (2011) chamou de um “não-debate”. Segundo esse autor, a teoria da dependência foi apresentada ao pensamento social brasileiro a partir de leitura unilateral, sendo sua vertente marxista colocada à margem. Seja por meio de censura ou deturpação dos textos, se consolidou no Brasil uma visão parcial sobre o debate da dependência, cujo foco está, em grande parte, na perspectiva defendida por Fernando Henrique Cardoso. Tornasse, assim, evidente a relevância de resgatar a vertente marxista em suas obras originais para que, ao menos, sejamos coerentes com os teóricos e para que possamos compreender o que as discussões do período produziram, apontando seus méritos e limites. Além disso, para que possamos debater sua aplicação na análise do capitalismo contemporâneo brasileiro.

A Teoria Marxista da Dependência (TMD) tem como autores de referência: Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos, André Gunder Frank, Vânia Bambirra, Orlando Caputo, Roberto Pizarro. Muitos deles ainda bastantes desconhecidos no pensamento social brasileiro. Destacamos a obra de Ruy Mauro Marini, na medida em que foi ele quem, de maneira mais densa, procurou interpretar a América Latina a partir da utilização da teoria de Karl Marx sobre o capitalismo, identificando e buscando respeitar os diferentes níveis de abstração do objeto deste (o capitalismo) frente à inserção específica das economias dependentes na economia mundial.

A inserção subordinada das economias dependentes no mercado mundial capitalista tem como elementos característicos os mecanismos estruturais de transferência de valor, fazendo com que parte significativa da produção dessas economias seja realizado e acumulado no ciclo do capital das economias centrais, uma vez que tendem a possuir capitais com maior composição orgânica em relação à média mundial. Trata-se, para Marini, de um capitalismo *sus generis*, cujo ciclo do capital é condicionado pelas trocas desiguais, pelas transferências de valor que ocorrem em favor dos países centrais.

Diante das vultuosas transferências de valor, em que grande parte do mais valor que é produzido no espaço nacional não é apropriada pelo mesmo, a economia dependente cria meios para compensar essa perda e tornar a acumulação interna viável. Esse mecanismo de compensação é o que Marini (1973) chama de superexploração do trabalho². De maneira geral,

¹ Ver Cardoso e Faletto, 1970. Para a crítica a vertente Weberiana, ver Marins e Valencia (2001), Graciolli e Duarte (2007)

² Marini utiliza, em grande parte de sua obra, a noção superexploração do trabalho. No entanto, o mais adequado seria superexploração da força de trabalho. Isso porque a exploração é da força de trabalho e não do trabalho.

a superexploração da força de trabalho consiste em formas de aumentar o mais-valor que negam as condições necessárias ao trabalhador de repor o desgaste de sua força de trabalho, ou seja, a força de trabalho é remunerada abaixo de seu valor. A superexploração do trabalho é, para Marini, um dos fundamentos da dependência. Em *Sobre a Dialética da Dependência*, ressalta que o “fundamento da dependência é a superexploração do trabalho” e suas “implicações transcendem o plano da análise econômica e devem ser estudadas também do ponto de vista sociológico e político”. (Marini, 1973a. p.194)

Sob esse contexto, a industrialização da economia dependente se desenvolve marcada por aspectos particulares. A industrialização, antes de solucionar as contradições herdadas da economia exportadora, contribui para o seu aprofundamento. Se, por um lado, consolidou o monopólio das indústrias de bens suculos e sua associação com o capital estrangeiro, por outro lado, o recurso à tecnologia externa e o aumento da produtividade do trabalho aprofundaram a superexploração do trabalho e estrangularam ainda mais a capacidade interna de consumo.

A trajetória de industrialização da América Latina tem origens antes da primeira guerra mundial. A partir desse momento, a região passa por pequenos surtos industrializantes, iniciando um lento movimento de substituição de importações. Este processo ganha intensidade, depois da crise de 1929 e durante toda a década de 30 e 40, em países como Brasil, México e Chile. Após a segunda guerra mundial e a reconstrução das economias diretamente envolvidas no conflito, o fluxo de capital estrangeiro para a América Latina se intensificou, motivados pela busca do capital por melhores condições de valorização, pela apropriação de lucros extra e pela amortização do capital fixo que se tornou obsoleto nas economias centrais dentre outros fatores. Diferente dos períodos anteriores, a vinda de capitais para América Latina ocorreu em grande parte por inversões diretas em setores industriais. Tratou-se de um processo de internacionalização dos sistemas produtivos e não somente uma integração de mercado interno.

As economias latino-americanas, como a brasileira, aumentaram a participação industrial em seu produto interno, sob um intenso processo de centralização e concentração de capitais. Como resultado desse movimento, a composição orgânica dessas economias se eleva, diferenciando-se das demais na região, se destacando como centros médios de acumulação. A divisão do trabalho, expressa na relação centro-periferia, deu lugar a um sistema mais complexo com uma nova hierarquização da economia capitalista mundial, em que o surgimento de centros médios da acumulação dotados de relativa autonomia possibilitou um novo fenômeno que Marini chamou de subimperialismo. O subimperialismo surge como a forma que assume a economia dependente ao chegar a patamares de monopolização elevados e de predomínio do capital financeiro em que a conquista de mercados na região, a rapina de matéria-prima e a exportação de mercadorias e capital são elementos relevantes³.

A problemática do subimperialismo foi apresentada ao longo da obra do Marini em diferentes escritos, de forma descontínua, com pouca divulgação entre os teóricos brasileiros e muitas vezes distorcida por críticos, o que faz dos esforços de sistematização do debate um trabalho importante⁴. Além disso, na primeira década desse século, após longo período distante das discussões sobre a sociedade periférica, a TMD e o subimperialismo voltaram à cena nos esforços interpretativos da realidade latino-americana. Motivados dentre outros fatores pelo aumento das exportações de capitais de origem brasileira para países da América Latina, África e Ásia, sob a forma, por exemplo, das multinacionais brasileiras; a orientação da política externa brasileira buscando maior destaque na integração regional e projeção internacional, entre outros elementos, diversos autores vem usando o subimperialismo como eixo explicativo da economia brasileira contemporânea. Contudo, parte desses trabalhos tende a apresentar uma discussão

³ O subimperialismo não se resume a essa explicação. Dado o escopo desse resumo, optamos por identificar o momento histórico em que esse surge.

⁴ Ver, por exemplo, Luce (2011)

muitas vezes panfletária, esvaziando a profundidade explicativa da noção e ignorando a sua origem na obra de Ruy Mauro Marini.

Por fim, localizamos o trabalho que deu base a esse resumo dentre aqueles que têm como objetivo contribuir para recuperar as formulações de Ruy Mauro Marini e da Teoria Marxista da dependência na perspectiva em que assinala Carcanholo (2012), ou seja, da reabertura das questões em torno da TMD orientada por um resgate crítico da teoria, isto é, um movimento de estudo e reavaliação de suas principais teses e conclusões de forma a apresentar os limites e possibilidades que esse arcabouço teórico possui na compreensão das especificidades históricas do capitalismo contemporâneo, indicando seus novos desdobramentos.

Referência Bibliográfica

CARCANHOLO, Marcelo. **(Im)precisões sobre a categoria superexploração da força de trabalho**, 2012, mimeo.

CARDOSO, Fernando Henrique e FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981 [1970]

DOS SANTOS, Theotonio. **Imperialismo y Dependencia**. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2011 [1978]

_____. **A Teoria da Dependência**: Balanço e Perspectivas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRACIOLLI, Edilson José e DUARTE, Pedro Henrique Evangelista. A Teoria da Dependência: Interpretações sobre o (Sub)Desenvolvimento na América Latina. In: **Anais do V Colóquio Marx e Engels**. Campinas, 2007.

LUCE, Mathias Seibel. **A Teoria do Subimperialismo em Ruy Mauro Marini**: contradições do capitalismo dependente e a questão do padrão de reprodução do capital. A história de um conceito. Tese Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS. Porto Alegre: 2011.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. In: STÉDILE, João Pedro; TRASPADINI, Roberta (org.). **Ruy Mauro Marini. Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005 [1973].

_____. Sobre a Dialética da Dependência. In: STÉDILE, João Pedro, TRASPADINI, Roberta (org.). **Ruy Mauro Marini. Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005 [1973a].

_____. **Subdesarrollo y Revolucion**. México: Siglo XXI, 5ª edição. 1974.

_____. La acumulación capitalista mundial y el subimperialismo. In: **Cuadernos Políticos**. n° 12. México: Ediciones Era, 1977. Disponível em: <http://www.marini-escritos.unam.mx/006_acumulacion_es.htm> Acessado em: 14/10/2010

_____. Memória. In: STÉDILE, João Pedro, TRASPADINI, Roberta. **Ruy Mauro Marini. Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005 [1990].

_____. **América Latina: Dependência e Integração**. São Paulo: Ed Brasil Urgente, 1992.

PRADO, Fernando. História de um não-debate: a trajetória da teoria marxista da dependência no Brasil. In: **Anais do XVI Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Política**. Uberlândia, 2011.